

A produção da Ideologia e a questão dos valores

Lucas Maia

Este texto tem o objetivo manifesto de discutir os processos de interdependência entre ideologia e valores. A tese central gira em torno da ideia de que as ideologias, tanto ao serem produzidas quanto ao serem consumidas, são determinadas pelos valores dos indivíduos e grupos que a estão produzindo ou consumindo. A ideologia é um conjunto de ideias sistematicamente organizadas que emerge das entranhas das relações sociais. As ideias não são um algo além, um processo à parte, uma força que vem de outras esferas e domina o homem comum no conjunto de sua vida cotidiana. Ela está profundamente enraizada no conjunto das relações concretas que das quais é produto.

A ideologia como um conceito teoricamente formulado apresenta uma longa história dentro das ciências sociais e da filosofia. Um debate pormenorizado da constituição histórica deste conceito tomaria demasiado espaço neste trabalho e não cumpriria os objetivos a que nos propomos. Para tanto, há um conjunto de obras às quais o leitor encontrará uma sistemática abordagem¹.

O termo “ideologia” apresenta as mais variadas definições. A que empregaremos aqui se insere num universo conceitual mais amplo e dá uma acepção precisa ao conceito. Trata-se da concepção marxista do conceito de ideologia. Não é obviamente a interpretação fornecida pelo pseudo-marxismo de cunho leninista e suas variações (trotskismo, stalinismo, grancianismo etc.), que em linhas gerais abordou o conceito de ideologia da maneira como Lênin o formulou, ou seja, como “visão de mundo” para tomar emprestado uma expressão de Goldmann (1967; 1980). Há em nossa sociedade, de acordo com esta interpretação, duas visões de mundo fundamentais: a burguesa e a proletária, constituindo-se assim, duas ideologias antagônicas. Esta concepção tem o grande inconveniente de naturalizar a ideologia, além de lhe retirar o caráter crítico que Marx e Engels lhe deram na *Ideologia Alemã* e escritos posteriores.

Marx e Engels quando encontraram pelos jornais e textos filosóficos esta palavra buscaram no texto que entregaram à “crítica roedora dos ratos” dar-lhe uma precisão conceitual da qual carecia. Deste modo, analisando as filosofias de Bauer, Stirner e Feuerbach, atribuíram a estes autores o qualificativo de um pensamento ideológico, ou

¹Para uma discussão sobre o conceito de ideologia, na perspectiva que vamos abordá-lo aqui Cf. (VIANA, 2007), (LÖWY, 1985), (TRAGTENBERG, s/d), (MARX & ENGELS, 1976, 2002), (KORSCH, 1977).

seja, falso. Bauer, Stirner e Feuerbach acreditavam, com suas filosofias, que estavam desenvolvendo um verdadeiro processo revolucionário, quando na verdade expressavam simplesmente o atraso alemão no que se refere ao desenvolvimento capitalista. Com suas ideias fora do lugar, ou melhor, com seus sistemas filosóficos distantes da realidade concreta, produziram toda uma elaboração conceitual complexa que não conseguia explicar satisfatoriamente a realidade nem muito menos seu movimento de transformação.

Em escritos posteriores, Marx expressou esta mesma concepção. Em *O Capital*, quando expõe os limites do que denominou de *economia clássica*, demonstrou como esta simplesmente conseguia expressar em termos científicos a realidade colocada pela sociedade capitalista. Também, quando critica a *economia vulgar*, ou seja, aquela que abandonou qualquer preocupação científica ficando somente no nível da apologia do capital, demonstra a mesma concepção de ideologia: falsa consciência sistematizada.

Esta falsa consciência sistematizada variou ao longo da história. Na antiguidade clássica, estava representada pela filosofia, no feudalismo, pela teologia e na sociedade capitalista, pela ciência. Os positivistas, quando discutem a ideologia tomam-na como sendo o saber dotado de pré-noções (DURKHEIM, 1973), ou seja, aquele que não está isento de juízos de valor. Como veremos posteriormente, esta definição não tem o menor sentido, na medida em que não existe qualquer forma de saber que não seja perpassada por todo um sistema de valores, dominantes ou não.

A consciência não pode ser desvinculada do ser. Não há ser sem consciência e da mesma forma, não há consciência que não seja consciência de um determinado ser². Ou seja, a ideologia é um produto historicamente determinado. Não podemos explicar o mundo partindo da ideologia, pois o contrário é que se dá, só podemos compreender a consciência invertida da realidade, analisando as relações concretas que lhe dão existência.

Um elemento central e pouco pesquisado é a importância dos sistemas valorativos na produção das ideologias. Deste modo, torna-se necessário demonstrar a relação entre ideologia e valores e mais especificamente entre ideologia e axiologia, pois se determinam mutuamente. A expressão no nível da consciência das relações

²“A consciência nunca pode ser mais do que o Ser consciente; e o Ser dos homens é o seu processo da vida real. E se em toda a ideologia os homens e as suas relações nos surgem invertidos, tal como acontece numa câmara obscura, isto é apenas resultado do seu processo de vida histórico, do mesmo modo que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é uma consequência do seu processo de vida diretamente físico”. (MARX & ENGELS, 1976, p: 23/24).

sociais é um fenômeno naturalmente humano. Necessariamente apreendemos por meio de nossa consciência os processos existentes concretamente. Isto ocorre em qualquer tipo de sociedade, desde as sociedades simples mais homogêneas, até as sociedades divididas em classes sociais, portanto heterogêneas no que se refere à produção de consciência e valores.

A produção da ideologia deriva do processo histórico e, portanto, das relações sociais que produzem aquelas ideias. Entretanto, como vimos, a ideologia é uma consciência invertida da realidade. A inversão da consciência é um processo extremamente complexo de interpenetração de processos. A base fundamental sem sombra de dúvidas é a existência de interesses conflitantes no seio de uma mesma sociedade. A classe social que detém o poder econômico, político e social exerce também uma hegemonia cultural sobre as demais classes. Assim, as ideias que esta classe produz, que são expressão de seus interesses particulares, acabam por se tornar as ideias dominantes no conjunto da sociedade.

A expressão marxista segundo a qual as ideias dominantes numa época são as ideias da classe dominante (MARX & ENGELS, 1981) não é somente uma frase brilhante, mas é fundamentalmente a expressão no nível teórico de uma realidade que nos apresenta bastante confusamente. Envolvidos como estamos no turbilhão das relações sociais, temos muita dificuldade de apreender a historicidade das relações, das ideias, dos valores, enfim, da sociedade em que vivemos. Naturalizamos tudo o que nos circunda, tomamos por necessário o que na verdade é transitório.

Para nós:

Naturalizar (...) é o ato, a ação de eternizar, de introjetar relações históricas considerando-as invariavelmente necessárias à reprodução de uma dada organização social. A naturalização é um dos fenômenos fundamentais para compreendermos a aceitação de determinadas relações sociais por grupos e classes sociais distintos. Note que aqui não estou buscando explicar os porquês, as determinações que fazem com que as relações de subordinação e exploração se perpetuem, pois aí muitas outras determinações entram em jogo, tais como: o estado, a ideologia, os valores, as organizações de comunicação etc. Naturalizar é aceitar como invariável, o variável; cotidiano, banal, o essencial; natural, o histórico; enfim, retilíneo, o ondulado. Ou seja, a naturalização impede o pensamento de abstrair a realidade, de analisá-la, de compreendê-la. É necessário, portanto, não nos desvincularmos de nossa realidade social, nem de seus conceitos inextricáveis, mas pelo contrário, compreender que esta realidade social e os conceitos que lhes são inerentes são determinados historicamente (SANTOS, 2007, p. 4).

A naturalização das relações sociais é um fenômeno complexo e entre os processos que o explicam estão a ideologia e os valores. A formação social da consciência na naturalização das relações sociais é fundamental, pois seus construtos permitem que se construam poderosas racionalizações. Entretanto, a questão racional é somente uma das determinações, os *valores* e os sentimentos também contribuem sobremaneira para materialização deste fenômeno. Sem sombra de dúvidas que a determinação fundamental é a existência das classes sociais e dos conflitos de interesses que derivam daí³.

Deixaremos de lado a questão dos sentimentos, pois tomaria muito tempo e fugiria um pouco aos objetivos que nos propomos agora, ou seja, compreender a relação entre valores e ideologia. Já afirmamos que os valores influenciam na elaboração das ideologias, resta, entretanto, provar esta afirmação. Se já sabemos o que é ideologia, perguntamos: o que são valores? Como ideologia e valores se relacionam?

Há várias concepções e definições de valor. Vasquez (1975) faz a distinção entre duas concepções correntes acerca da consideração da natureza dos valores: trata-se da ideia de subjetividade e de objetividade dos valores. A *posição subjetivista* defende a tese segundo a qual são os elementos de características pessoais, psicológicas que determinam a natureza do valor dos objetos e relações. O grande problema do subjetivismo é que ele não consegue compreender que o processo de valoração não é individual, pois estes indivíduos vivem em uma dada sociedade, numa determinada época e as relações sociais estabelecidas influenciam ou determinam a maneira como os indivíduos desta sociedade valoram as coisas.

O objetivismo axiológico sustenta-se na ideia segundo a qual os valores têm existência em si, ou seja, não são nem uma propriedade das coisas e objetos, nem dos seres humanos. O belo é o belo que se encarna nas coisas belas, o bom é o bom que se materializa em tudo aquilo que é bom e assim por diante. As questões centrais do objetivismo são: independência das coisas e objetos e independência dos seres humanos para existir o valor. O absurdo desta concepção é evidente. Como considerar um determinado valor que tenha existência independente daquilo que é valorado e principalmente do ser humano? Somente um idealismo radical, portanto, uma

³Para uma discussão sobre a ideia de determinação e determinação fundamental Cf. (VIANA, 2001). Também (MARX, 1982) é importante referência para esta discussão. Neste texto Marx defende a ideia segundo a qual “O concreto é síntese de múltiplas determinações”. Aliás, é desta ideia fundamental que Viana (2001) deriva sua ideia de determinação fundamental e determinações acessórias no intuito de superar as problemáticas suscitadas pela noção de causalidade.

consciência coisificada conseguirá ver esta propriedade do valor. É impossível imaginar um valor que não seja inerentemente humano.

Deste modo, à pergunta: o que é valor? Respondemos com a concepção defendida por Viana segundo a qual:

Os valores, por conseguinte, são o conjunto de “seres” (objetos, ações, ideias, pessoas, etc.) que possuem importância para os indivíduos ou grupos sociais. Portanto, se dissermos que algo é um valor, queremos simplesmente dizer que ele é significativo, importante (VIANA, 2002, p. 79).

Se é inerente ao ser humano valorar, ou seja, atribuir valor a todos os “seres” (relações, objetos, ações etc.) não podemos aceitar as teses de “neutralidade axiológica” defendidas por várias tendências dentro da ciência⁴. Se no campo da produção do saber sistemático (ciência, filosofia, direito, teologia) a neutralidade axiológica é impossível, nas outras esferas da vida verificamos o mesmo processo.

Se a ideologia é o processo segundo o qual as ideias são produzidas reproduzindo os interesses das classes dominantes, os valores são uma maneira eminentemente humana de considerar valioso, importante, des-valioso ou desimportante os seres (objetos, ações, relações etc.). De acordo com Viana (2002), em nossa sociedade há fundamentalmente dois sistemas de valores em permanente conflito. O conjunto de valores característicos das classes dominantes é denominado por ele de *axiologia*. Dentre estes valores dominantes podemos encontrar: a competição, ascensão social, dinheiro etc. Estes elementos são simultaneamente normas de conduta e valores, valores no sentido de ser considerado importante nesta sociedade.

Entretanto, a ele se opõe todo um sistema valorativo, que na sociedade capitalista é marginal, subordinado. Este é denominado por Viana (2002) de *axionomia*. A axionomia é um neologismo criado pelo autor para demonstrar que a sociedade burguesa, dada a sua organização de classe, produz formas diferentes de valores. As sociedades simples, não fundadas na divisão de classes sociais, produz um conjunto de valores que apresentam certa homogeneidade, pois não há interesses inconciliáveis em seu interior. Em contra partida, nas sociedades fundadas na divisão de classes, dada a natureza contraditória de suas relações, há um conjunto de interesses que são inconciliáveis. Há a existência de interesses que expressam somente as perspectivas de uma dada classe social e estes necessariamente entram em contradição com os de outras

⁴Para uma crítica à ideia de neutralidade axiológica Cf. (VIANA, 2007), (LÖWY, 1978, 1985), (KORSCH, 1977) entre vários outros.

classes.

Exemplifiquemos. Em nossa sociedade é de interesse da classe capitalista fazer com que os trabalhadores trabalhem cada vez mais e em ritmo cada vez mais intenso. Isto é determinado pela “essência” de nossa sociedade, ou seja, a produção de mais-valor. O capitalismo não é meramente um modo de produção de mercadorias como outros, o escravismo, por exemplo, e feudalismo também, mas em menor dimensão também produziam mercadorias. Ele é antes de mais nada um modo de produção de mais-valor. O mais-valor é conseguido, já havia revelado Marx (1982) no século 19, fundamentalmente de duas maneiras: aumentando o tempo de trabalho (mais-valor absoluto) e alterando o processo de trabalho, seja através do incremento de novas tecnologias ou modificando sua organização e gerência (mais-valor relativo).

Desta maneira, por ser objetivo da produção capitalista a produção de mais-valor e não a satisfação das necessidades humanas, os capitalistas buscam cada vez mais aumentar a exploração do trabalhador no processo de trabalho. No reverso da medalha, encontram-se aqueles que são cotidianamente espoliados na realização deste trabalho, o conjunto da classe trabalhadora. Por serem brutalmente explorados, estes, buscam de todas as formas evitar este trabalho. Esta recusa, que pode ser consciente ou não⁵, é expressão de interesses opostos aos dos capitalistas. Esta é a contradição fundamental que se dá na produção material da vida em nossa sociedade. É claro que não para por aí, ela se estende para o conjunto da vida e inunda a sociedade inteira.

Deste modo, o trabalho é valorado em nossa sociedade segundo duas perspectivas fundamentais: a axiológica e a axionômica. A perspectiva axiológica é a valoração do trabalho de um ponto de vista capitalista, ou seja, de que este é “bom”, de que o trabalho “dignifica o homem”, “devemos trabalhar até o limite de nossas forças”, de que quem “não trabalha é preguiçoso”, de que quem não está produzindo é “inútil” etc. A valoração axiológica da ascensão social, competição etc. só corrobora esta

⁵Jensen (2001) apresenta esta recusa da seguinte forma: a luta operária passa geralmente por três estágios distintos. O primeiro é o nível das lutas espontâneas, “inconscientes”, ou seja, é a recusa cotidiana do trabalho alienado que ainda não se expressou numa discursividade, ainda não é uma luta consciente. Esta pode ser observada no absenteísmo, sabotagem de máquinas, parar o trabalho, roubo de utensílios e mercadorias etc. O segundo estágio é o das lutas autônomas, ou seja, quando a recusa do trabalho já alcançou um certo nível de organização, quando já há criação de uma certa discursividade. Neste momento, os trabalhadores já romperam com suas burocracias (partidárias e sindicais) e se afirmam autonomamente enquanto classe. Entretanto, falta ainda neste estágio a consciência revolucionária, ou seja, aquela que nega o capital e a burocracia e afirma a autogestão social. Quando a recusa do capital chega ao nível da afirmação da autogestão social, temos aí o terceiro estágio das lutas operárias: as lutas autogestionárias.

maneira de conceber o trabalho.

Já a perspectiva axionômica caminha justamente em direção contrária. De um ponto de vista “proletário”⁶, o trabalho deve ser concebido segundo duas maneiras distintas: trabalho como alienação e trabalho como objetivação (MARX, 1988). O trabalho alienado é aquele realizado sob condições de exploração e submissão dos trabalhadores, trata-se de uma forma de trabalho na qual aquele que realiza o processo de trabalho não tem o domínio sobre o tempo de trabalho, os objetivos do trabalho, as condições em que são realizadas este trabalho e muito menos do produto de seu trabalho. O trabalho como objetivação, pelo contrário, é aquele que realiza as potencialidades humanas em sua inteireza. Trata-se do movimento no qual o trabalho deixa de ser um meio para espoliar o trabalhador e passa a ser o fim da atividade humana no sentido de satisfazer suas necessidades. Naturalmente que a “consciência” empírica dos trabalhadores não está assim apresentada. Os trabalhadores também valoram seu trabalho de um ponto de vista axiológico, posto que seu sistema de valores é atravessado pelos valores dominantes e pela ideologia burguesa também dominante.

Não é o caso, portanto, para se saber como os trabalhadores valoram seu trabalho realizar em vários locais de trabalho pesquisas de tipo *survey* e determinar, por exemplo, que 25% dos entrevistados “gostam” de seu trabalho, 45% odeia absolutamente a atividade que realiza, 25% considera que tanto faz e 5% não sabe responder⁷. Uma pesquisa desta natureza não pode revelar muito sobre a consciência dos trabalhadores. Conseguirá, no máximo, revelar a apreensão que os trabalhadores têm de sua vida cotidiana e mesmo assim só o conseguirá muito precariamente, pois desconsiderará o caráter contraditório da consciência dos trabalhadores.

A produção da ideologia é profundamente determinada pelos valores do ideólogo em questão e da mesma forma, a ideologia produzida passa a ser valorada pelo conjunto daqueles que a conhecem: axiologicamente ou axionomicamente. Assim, pode-se dizer que há dois momentos, o da produção da ideologia e o do consumo desta ideologia. Como toda produção humana, a ideologia é produzida de acordo com os valores daquele ou daqueles que a produziram. Da mesma forma, aqueles que entram em contato com a ideologia produzida passam a valorá-la segundo duas perspectivas, a axiológica ou a axionômica.

⁶Por ponto de vista proletário considero todos aqueles que partem da perspectiva dos explorados e grupos oprimidos e que apontam para a superação desta condição de explorados.

⁷Estes dados são fictícios. Não representam nenhuma pesquisa empírica realizada de fato.

Por exemplo, Taylor (1970) quando escreveu seus “*Princípios de Administração Científica*”, o fez de acordo com seus valores. Os seus *Princípios* não são muita coisa além do que a prática cotidiana das empresas de seu tempo. O que ele fez foi criar um sistema ideológico o qual denomina de administração científica do trabalho, utilizando para tanto uma linguagem complexa (científica) para justificar o sistema de produção do qual ele era um agente direto, visto que engenheiro dedicado à área de produção.

Todo o livro de Taylor é fundado num conjunto de valorações com relação ao trabalhador que muito bem revelam o caráter axiológico de seu livro. Por exemplo, quando defende a separação entre a gerência da empresa e o conjunto dos operários que nela trabalham, a apreciação, julgamento ou valoração é a seguinte:

(...) a ciência que estuda a ação dos trabalhadores é tão vasta e complicada, que o operário, ainda mais competente, é *incapaz* de compreender esta ciência, sem a orientação e auxílio de colaboradores e chefes, quer por falta de instrução, quer por *capacidade mental insuficiente* (TAYLOR, 1970, p. 41). (grifos meus)

Sem evidentemente apresentar qualquer análise que comprove esta tese, isto simplesmente demonstra como a classe social da qual ele era parte integrante valorava a classe operária: incapaz, inferior, pouco inteligente etc. Neste caso, a valoração axiológica que ele tem do conjunto da classe trabalhadora acaba por constituir no cerne de sua elaboração ideológica. A divisão entre capazes e incapazes é central em sua concepção, pois este é fulcro de sua argumentação. Ou seja, aqueles que detêm o saber científico necessário devem estar à frente da organização do processo de trabalho, ao passo que aqueles que não são suficientemente instruídos devem simplesmente executar as tarefas pré-determinadas pelos técnicos. O que quero dizer é que o conjunto de valores do autor determinou seu sistema ideológico, mas numa perspectiva axiológica.

Não é tão difícil encontrar saberes sistemáticos, teóricos que partam de outra perspectiva, ou seja, da perspectiva do proletariado. Marx (s/d) ao analisar o processo de luta dos trabalhadores, procura encontrar justamente elementos que vão na contramão do que afirma Taylor. Naturalmente que Marx não polemizou diretamente com este, pois escreveu suas obras muito antes deste, mas a perspectiva de classes dos dois autores é facilmente verificável. Quando Marx polemizou com Proudhon na sua obra “*Miséria da Filosofia*”, procurou justamente encontrar no movimento da classe operária os elementos criativos, originais, próprios do proletariado revolucionário.

Viu nas “coalizões operárias” o elemento negativo da sociedade capitalista.

Estas coalizões eram organizações criadas e mantidas pelos trabalhadores com o intuito de levarem a cabo suas próprias lutas. Organizavam greves, ajudavam os trabalhadores em greve a organizar fundos para se manterem, pois se estavam em greve não recebiam salários etc. Enfim, Marx analisando o movimento da classe operária procurou elementos que demonstravam o caráter criativo desta classe. Isto não é nem um pouco gratuito, na verdade também aqui os valores do autor são muito importantes para compreender sua elaboração teórica. Valorando a classe operária de um ponto de vista axionômico, Marx conseguiu identificar muitas características da dinâmica social que um autor partindo de uma perspectiva axiológica jamais conseguiria ver. A este fenômeno, criticando os economistas políticos clássicos (Ricardo e Smith), Marx deu o nome de “limites intransponíveis da consciência burguesa” ou, segundo a terminologia de Goldman (1967; 1980): “consciência possível”.

Os valores também são fundamentais no ato de ler e estudar as ideologias (também as teorias). Silva (1974) ao referir-se a Taylor afirma:

Embora classificado profissionalmente como engenheiro-metalúrgico Frederick Winslow Taylor foi acima e antes de tudo engenheiro-social. Mais do que isso inventor social. A administração científica, cujos princípios descobriu e formulou, partindo da análise do trabalho na intimidade das fábricas, representa uma das *grandes invenções sociais de todos os tempos*. Com efeito, Taylor emparelha-se com os maiores inventores que se notabilizaram no campo social, como Robert Owen, criador do cooperativismo, Florence Nightingale, criador da Cruz Vermelha, Zamenhof, inventor do esperanto e outros da mesma família (SILVA, 1974, p. 7) (grifos meus).

Logo em seguida compara-o com renomados nomes da física, química e mecânica, como James Watt, Graham Bell, Thomas Edson etc. Já está bastante claro como (SILVA, 1974) valora a obra de Taylor. Afirmando que a administração científica é uma produção deste autor, considera-a como uma das “grandes invenções sociais de todos os tempos”. Toda a análise que faz do pensamento de Taylor é no sentido de lhe atribuir grande importância e notabilidade. Sendo a obra de Taylor ideológica e axiológica, também a leitura de Silva é determinada por valores axiológicos, posto que não apontam os limites e vinculações de classe que esta ideologia representa.

Em contrapartida, há leituras que partem de outros pressupostos e chegam, portanto, a resultados bastante distintos. Tragtemberg (s/d), pelo contrário apresenta as “teorias” gerais da administração, entre elas a de Taylor como sendo ideologias, ou seja, falsas consciências sistematizadas. É claro que esta leitura não é gratuita, ou seja,

Tragtemberg não chegou a esta conclusão fundamental somente analisando os fundamentos da ideologia tayloriana, ou melhor, a escolha dos fundamentos a serem analisados é determinada pelos valores do autor. Deste modo, se Silva (1974) procura demonstrar a grande capacidade criativa de Taylor, Tragtemberg (s/d) demonstra o caráter de classe e a função geral das ideologias administrativas no conjunto da reprodução capitalista.

Uma mesma obra é analisada de maneiras completamente distintas. Por que isto ocorre? Para nós a questão fundamental encontra-se na perspectiva de classe de cada um e deste modo, a maneira como valoram a obra varia de acordo com esta perspectiva. Silva valor-a axiologicamente e Tragtemberg a valora axionomicamente. Só podemos separar ideologia, axiologia e axionomia no plano analítico, visto que na realidade concreta elas não são separáveis; embora, como vimos se distingam claramente.

Esperamos ter demonstrado com este texto os conceitos de ideologia, axiologia e axionomia e como se relacionam uns com os outros. Esperamos ter demonstrado também que tanto o processo de produção da ideologia, quanto seu consumo, ou seja, sua análise e síntese estão diretamente vinculadas aos processos de valoração, tanto de um ponto de vista axiológico, quanto axionômico. No final das contas, a produção das ideologias (falsas consciências sistematizadas), bem como das teorias (conjunto de conceitos e categorias articulados teoricamente de tal forma a expressarem corretamente a realidade) estão diretamente determinadas pelo sistema valorativo de quem as produziu e estes estão, em grande medida, determinados pela perspectiva de classe da qual parte o indivíduo ou grupo responsável por sua elaboração.

Referências Bibliográficas

- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- GOLDMANN, L. *Ciências humanas e filosofia: o que é a sociologia*. Rio de Janeiro/São Paulo: DIFEL, 1980.
- _____. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- JENSEN, Karl. A luta Operária e os Limites do Autonomismo. *Revista Ruptura*. Ano 8, número 7, agosto de 2001. Goiânia, Movimento Autogestionário, 2001.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.
- LÖWY, M. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1985.

- _____. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- MARX, K. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- _____. *O capital: para a crítica da economia política*. Tomo I: O processo de produção do capital. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- _____. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Expressão do Livro, s/d.
- MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____ & _____. *A ideologia alemã I: crítica da filosofia alemã mais recente*. Lisboa, 1976.
- _____ & _____. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- SANTOS, L. M. dos. Autogestão: desejo e possibilidade. *Revista Enfrentamento*. Goiânia. Ano 1, nº 2, jan./jul. 2007. Disponível em: www.enfrentamento.sementeira.net. Acesso em 28 de março de 2008.
- SILVA, B. *Taylor e Fayol*. Rio de Janeiro: FGV, 1974.
- TAYLOR, Frederick Winslow. *Princípios de administração científica*. São Paulo: Atlas, 1970.
- TRAGTENBERG, Maurício. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, s/d.
- VAZQUES, A. S. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- VIANA, N. *A consciência da história: ensaios sobre o materialismo histórico-dialético*. 2º edição. Rio de Janeiro, 2007.
- _____. *A questão da causalidade nas ciências sociais*. Goiânia: Edições Germinal, 2001.
- _____. A questão dos valores. *Cultura & Liberdade*. Goiânia, ano 2, nº 2, p. 77 – 100, abr., 2002.

Lucas Maia

Doutorando pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia da UFG. Professor do Instituto Federal de Goiás/Campus Anápolis. Sócio da AGB-Goiânia.

E-mail: maiaslucas@yahoo.com.br.